

MÍDIA, VIOLÊNCIA E VALORES HUMANOS: PRÁTICAS EDUCATIVAS SOB O OLHAR DE CRIANÇAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL¹

SODRÉ, Maria de Nazaré dos Remédios²

HORA, Neriane Nascimento da³

GAMA, Rafaela Cordeiro⁴

Resumo: Este artigo traz uma reflexão sobre as formas de manifestações da violência existente nas páginas iniciais do *Jornal Amazônia*, com um olhar crítico construtivo, sustentado por diferentes correntes teóricas, visando contribuir para a formação de valores no desenvolvimento da cidadania. Foram realizadas 08 (oito) oficinas e a opção pela análise de conteúdo consistiu no fato de que esta metodologia se sustenta pela busca descritiva, analítica e interpretativa do sentido atribuído às mensagens verbais ou simbólicas. Os resultados mostram condutas como autonomia, transformação pessoal e social, articulação universidade escola e valorização da vida.

Palavras-chave: Violência. Mídia. Valores. Educação.

Abstract: This article presents a reflection about the forms of manifestations of violence existing in the opening pages of the *Amazon* Newspaper, with a constructive critical approach, supported by different theoretical perspectives, to contribute to the formation of values in the development of citizenship. Eight workshops were performed and the choice of content analysis consisted in the fact that this methodology is sustained by descriptive search, analytical and interpretive sense attributed to verbal or symbolic messages. The results show behaviors such as autonomy, personal and social transformation, integration university school and valuing life.

Keywords: Violence. Media. Values. Education.

Introdução

Este trabalho resulta de uma ação integrada de ensino, pesquisa e extensão; experiência motivada pelo Programa de Apoio a Extensão da Universidade, em convênio

¹ Artigo oriundo dos resultados do projeto de extensão “A nudez e a violência: as estampas das páginas do jornal Amazônia e sua influência formativa de valores em alunos das séries iniciais do ensino fundamental” financiado pela Fundação Amazônia Paraense de Amparo à Pesquisa.

² Professor Assistente IV da Universidade do Estado do Pará (UEPA); Mestre em Ciência da Educação: docência universitária; e-mail: marinazdre@gmail.com.

³ Professor colaborador do Núcleo de Estudos em Educação Científica, Ambiental e Práticas Sociais- Necaps/UEPA; Mestre em Ciências Ambientais; e-mail: neri.dahora@gmail.com.

⁴ Professor colaborador do Núcleo de Estudos em Educação Científica, Ambiental e Práticas Sociais- Necaps/UEPA; Pedagoga; e-mail: rah.rafaela@gmail.com.

com a Fundação de Amparo à Pesquisa, realizado pelo Núcleo de Estudos em Educação Científica, Ambiental e Práticas Sociais – Necaps, da Universidade do Estado do Pará - UEPA, com a finalidade de contribuir para reflexões e ações comprometidas com a mudança do cenário de violência vivenciado na sociedade, ratificados pela mídia de forma sensacionalista. Objetivou assim, colaborar de forma solidária e construtiva com a formação de crianças, levando em consideração o reconhecimento da importância sobre a questão dos valores humanos como via de respeito mútuo.

Esta ação surgiu a partir da percepção de que o *Jornal Amazônia*, mídia impressa de ampla circulação nesta cidade, traz estampado em suas capas, na maioria de suas edições, cenas de violência física, bem como a exploração do corpo da mulher. Assim sendo, vivenciamos cada vez mais atitudes de homens, mulheres, jovens, adolescentes e crianças, em diferentes camadas sociais e ambientes, que revelam situações voltadas para uma conduta humana indesejável e comprometedora diante do que se deseja como boas relações interpessoais (respeito, segurança, bem-estar, autoconfiança, amor, paz, entre outros). Assistimos todos os dias a mídia, em seus diversos meios de divulgação e comunicação, promover o crescimento exacerbado dessas atitudes.

As abordagens sobre violência discutidas neste trabalho não são apenas aquelas retratadas pela ação física de uns contra outros, mas também através do apelo acirrado de imagens que se repetem diariamente circulando por todos os lados da cidade, gerando violência psicológica, econômica, ideológica, etc. Possivelmente, influenciando novas atitudes, atingindo de alguma forma crianças, jovens e adultos.

Bourdieu e Passeron (1992) discutem a questão de que diferentes culturas estabelecem diferentes critérios para o que chamamos violência. Atualmente, as formas de manifestações da violência alcançam um amplo leque de comportamentos, relações e práticas. A violência estampada nas capas de jornais, das revistas, nas ruas das cidades, a violência escolar e doméstica tem levado jovens a perder a credibilidade quanto a uma sociedade justa e igualitária, capaz de promover o desenvolvimento social em iguais condições para todos.

Para responder aos problemas da violência urbana, Ramos e Paiva (2005) ressaltam a mídia, em especial os jornais, como instrumentos que também respondem a esta nova percepção da problemática da segurança. Para esses autores, a mudança é fundamental, já que a mídia tem desempenhado um papel cada vez mais importante no debate público sobre

o tema, influenciando a opinião da sociedade e das políticas de Estado.

Entre os fatores de produção da violência, Santos (2001) destaca que a imagem, tão bem explorada e comercializada nos meios de comunicação de massa, vem reforçando a cultura do medo e a banalização da violência. Isto é notório de forma bastante transparente nas primeiras páginas do *Jornal Amazônia*, o nosso instrumento de trabalho, o que já se tornou sua marca de “audiência” e venda. De um lado, um corpo manchado de sangue resultante de assalto, roubo ou simplesmente por nada; do outro, crianças e jovens envolvidos na criminalidade (morte, assassinatos, drogas) e ainda um belo corpo de uma linda mulher, transparecendo sua nudez, motivando assim a corrida pela compra do produto, de modo que o corpo se transformou num mero objeto de exposição.

Sendo a violência e a exploração do belo corpo feminino temas que despertam curiosidade na sociedade, se tornam elementos aliados às manchetes de jornais e de outros meios de comunicação, que para Tondato (2007, p. 127) procuram “racionalizar situações, enquadrando acontecimentos nos modelos hegemônicos, estereotipados, resultando na maioria das vezes em banalização dos acontecimentos”, ficando esses termos como objeto de intensa cobertura jornalística pela mídia.

Nesse sentido, buscamos substituir o negativo pelo positivo, a partir da aprendizagem de um olhar crítico para situações explícitas nas manchetes do *Jornal Amazônia*, como ponto de partida para várias atividades que foram desenvolvidas para a realização deste trabalho.

Considerando que a mídia escrita (jornal) tem um papel social relevante na população de todas as faixas etárias, sem dúvida, vincula nessas pessoas um modo de agir e de pensar, perante a divulgação de situações geradoras da violência. As notícias, geralmente violentas informadas também pelos jornais, estão cada vez mais banalizando essa questão, no cotidiano destas pessoas, de forma assustadora.

É nesse sentido que definimos pelo atendimento de crianças e adolescentes, como uma parte da sociedade que precisa ser habilitada o mais cedo possível, sem desconsiderar esta necessidade para outros atores sociais, com idade diferenciada dos sujeitos deste estudo, para que possam aprimorar valores e atitudes, capacitando-as na busca de informações, para usá-las no seu cotidiano, de forma a possibilitar comportamentos contra o que entendemos por “vícios sociais do cotidiano”.

A menção aos vícios aqui discutidos não está voltada para o aspecto jurídico no qual se caracteriza pelo intencional desacordo entre a vontade interna e a declarada, no

sentido de criar, aparentemente, o negócio (MONTEIRO, 2003). Ou, não se exige que o devedor traga a intenção deliberada de causar prejuízo; basta que tenha a consciência de produzir o dano (PEREIRA, 2004). Mas sim aprimorar valores e atitudes na tenra idade como disciplina para a vida, discernimento para situações do cotidiano mediante cor, raça, assédio, preconceito, maldade miséria e muitos outros adjetivos que se bem informados virão delinear uma condição de vida mais humana, mais digna e saudável.

O projeto desenvolvido foi pensado levando em consideração o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que no seu art. 4º menciona: “é dever da família, [...] e do poder público assegurar [...] à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (BRASIL, 1990).

Contrapondo a essas normas, observamos que a clientela atendida no projeto “Nudez” estava exposta ao quadro de violência em seus variados aspectos. Sendo assim, a educação escolar não tem contemplado aos princípios previstos pelo ECA. Isto é fato.

Considerando que o projeto “Nudez” foi desenvolvido com crianças de escola pública que convivem diariamente com muitos conflitos interpessoais no espaço escolar, indicamos resultados do estudo de SANTOS (2001), que ressalta a escola como um locus de relações de sociabilidade, mas evidencia nesse ambiente a violência simbólica a partir dos comportamentos repressivos por parte de professores em sala de aula, que compreende desde não dar aula ou dar aula de qualidade discutível e exercer autoritarismo nas relações interpessoais com os alunos.

A violência ocorrida no ambiente escolar, seja ela física, simbólica, sexual, patrimonial, moral ou psicológica com suas diversas formas explicativa (psicológicas, sociológicas, antropológicas), “contribui para a ruptura com a ideia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser e da educação, como veículo por excelência do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência” (ABRAMOVAY, 2002, p. 29).

Compartilhamos com Devries (1998), quando afirma que a escola nega seu espaço de formação da ética e da moral dos sujeitos ali inseridos. O uso de alternativas metodológicas facilitadoras de boas relações, seja escolar, casa, do que vê e/ou do que ouve e daquilo que se encontra disponível nas mídias em geral, resulta na formação humana, no sentido de que o aluno, o professor ou outro ator educacional possam perceber-se como produto das

relações sociais.

No sentido da superação da violência no espaço escolar surge a necessidade da implantação de valores humanos na educação, a fim de promover a formação do ser como um todo. Infelizmente, a educação tem negado caminhos para formar oportunidades em trabalhar os valores humanos, como acesso ao caráter, as emoções e sentimentos, reproduzindo a cultura do medo, da violência, do desrespeito e da falta de solidariedade. De modo geral, os valores humanos têm sido definidos como critérios que guiam o comportamento, desenvolvimento e manutenção das atitudes em relação às pessoas, eventos etc (TAMAYO, 1993).

Martinelli (1999, p. 18) assinala cinco valores humanos fundamentais para a formação do homem, especificando-os como valores absolutos, a saber: “a verdade, a ação correta, o amor, a paz e a não violência”, os quais devem ser ressaltados, assimilados e praticados no cotidiano. O Programa de Educação em Valores Humanos (PEVH), que vem sendo desenvolvido no ambiente escolar em vários países, inclusive no Brasil, é voltado para crianças, jovens e adolescentes, como instrumento que visa descontinuar os caminhos da banalização de condutas geradas por problemas sociais (MARTINELLI, 1999).

Essas considerações serviram de base para o projeto “A Nudez e a Violência: formação de valores no ensino fundamental” que revelaram a necessidade da integração entre os conteúdos que fundamentam a violência, a mídia e os valores como forma de educar/formar, tendo em vista consolidar valores e virtudes já existentes nos alunos, no sentido de reconhecer e aperfeiçoar o potencial, as tendências e as aptidões deles.

Dessa forma, a intenção desta vivência foi proporcionar ações que possam somar para que os envolvidos tenham características saudáveis dos seres humanos, o que se constituem em vários adjetivos fundamentais às boas relações. Isso implica em mudanças necessárias e urgentes na sociedade, a começar pelas ações da comunidade escolar, entre elas os educadores, para que possam contribuir com a aquisição, seleção e aplicação da gama de informação que chega diariamente até as crianças e jovens, fazendo com que as mesmas sejam trabalhadas de forma a dar um significado.

A relevância do projeto desenvolvido consta nas ações pertinentes que se justificam como colaboração para a formação e informação de crianças e jovens, resultando em valioso conhecimento a respeito de um tema tão complexo como é a violência, especialmente aquela que sutilmente invade o universo visual de milhões de crianças, seja em casa ou na sala de

aula.

Duas questões foram fundamentais na articulação das atividades e o fazer dos participantes. A primeira, “como tratar de assuntos tão sérios, como a violência e seus tipos, de forma simples e fácil para o entendimento da criança, mantendo seu interesse e despertando sua criatividade”? Para isto, Miranda (2007, p. 45), propõe alternativas em trabalhar com os alunos no cotidiano objetivando um melhor desempenho do processo de ensino aprendizagem.

A outra questão, “como constatar que a elaboração e reelaboração de texto fictícios sobre violência pelos alunos promovem aprendizagem”? Essa indagação surgiu a partir da construção dos planos das oficinas, quando percebemos a necessidade do diálogo entre os sujeitos envolvidos no projeto e as imagens das capas do *Jornal Amazônia*, deixando livre a criatividade e autonomia dos alunos. Foi decidido então, que ao longo das oficinas, eles participariam de todo o processo de confecção e construção de um texto imaginário sobre imagens vistas nas páginas iniciais desse meio de comunicação.

Nesse sentido, o projeto teve ainda como finalidade realizar ações que contribuíssem para a formação de valores no desenvolvimento da cidadania para que os alunos venham a ter no futuro uma convivência racional e relacional, promovendo discussões de aspectos positivos do cotidiano, criando nos alunos a esperança de que ainda vale a pena ser alguém honesto, equilibrado e conviver bem com os outros. Além de proporcionar meios para a percepção da presença de diferentes formas de violência ilustradas pelo *Jornal Amazônia*, com um olhar crítico construtivo.

Finalmente, ponderamos que os aportes teóricos bem como nossas opiniões emitidas, se articulam para concretizar o entendimento, justificar a ação realizada e chegar a um olhar crítico por parte das crianças envolvidas para o problema da violência existente na mídia escrita, como no caso do Jornal em estudo, e o papel da educação no tratamento de conceitos práticos e sociais a respeito da violência como estratégia educativa e preventiva na minimização das suas diversas formas, é uma necessidade.

Os procedimentos do fazer

Para efetivação do projeto “Nudez”, como ficou conhecido no meio acadêmico, foram realizadas 08 (oito) oficinas sobre a temática proposta, cumprindo uma carga horária de 32 (trinta e duas) horas. As atividades foram realizadas de acordo com o plano de

trabalho de oficina Pedagógica do Núcleo, que compreende três momentos: 1) atividade de acolhida, consistindo em atividades de integração grupal de forma a facilitar a participação individual nas ações; 2) atividade de conhecimento específico, tratando dos conteúdos, habilidades e valores referentes ao conhecimento da temática da oficina; e por último 3) atividade de despedida, visando propiciar a avaliação do trabalho realizado, mais a avaliação da ação (FONSECA, 2008).

Esse plano apresenta uma estrutura metodológica que promove a realização de uma ação integrada de ensino, pesquisa e extensão. As oficinas foram dirigidas aos alunos da 4ª série do Ensino Fundamental – 5º ano, de uma Escola Estadual. Esta escola foi escolhida por estar incluída no projeto do Complexo Educacional da Universidade, que viria a ser a escola de aplicação da universidade, além de situar-se próximo ao campus universitário.

A visita ao ambiente escolar promoveu a divulgação e 34 (trinta e quatro) inscritos no projeto. Destes frequentaram 26 (vinte e seis) alunos, compreendendo crianças de 9 (nove) a 12 (doze) anos, do turno da manhã; classe socioeconômica baixa; moradoras do entorno da universidade com a prevalência de meninos. Os relatos de suas falas estão indicados como A1, A2 até A26, mencionados no item sobre resultados.

A partir da organização de uma coleção de vários exemplares de edições anteriores e novas do *Jornal Amazônia* nosso instrumento exploratório das ações desenvolvidas, iniciamos o planejamento das atividades didático-pedagógicas dando ênfase às situações consideradas saudáveis aos seres humanos, tais como: respeito, colaboração, disciplina, esperança, honestidade, motivação, paciência, paz, perdão, responsabilidade, sinceridade, entre outras.

A apresentação e discussão das questões de investigação definidas em cada plano de trabalho foi considerada a partir dos diálogos durante a ação e tiveram como alternativa metodológica a análise de conteúdo. A opção por esta metodologia consistiu no fato de compreender e participar da opinião de Franco (2003) e Bardin (1995), quando afirmam que a metodologia em questão se sustenta pela busca descritiva, analítica e interpretativa do sentido atribuído às mensagens verbais ou simbólicas.

Neste estudo a abordagem foi de natureza qualitativa predominante, com aplicação da pesquisa-ação, que para Thiollent (2008) é um método ou uma estratégia de pesquisa que agrega várias técnicas da pesquisa social, com as quais é estabelecida uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível da captação da informação. Ainda com a pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e

tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação (THIOLLENT, 2008).

Cada oficina, com base na pesquisa-ação, teve como ponto de partida a observação, a discussão e a reflexão sobre as manchetes das páginas iniciais do *Jornal*. Cada uma delas foi sempre iniciada com a apresentação, ao grupo, das questões que iriam promover as discussões, bem como o fundamento do diálogo, de forma a favorecer a elaboração de textos pelos participantes. A primeira oficina intitulada “Primeiras impressões sobre mídia e violência” teve como questões de investigação “como a mídia influencia o nosso cotidiano? Há evidências de algum tipo de violência na capa do *Jornal Amazônia*?”. Desta forma trabalhamos a atenção dos alunos para um olhar crítico sobre a mídia em geral, com enfoque nas capas do jornal, culminando com a produção de desenhos e cartazes.

A segunda oficina tratou sobre “Tipos de violências: representação por meio de colagens” com finalidade de desenvolver nos alunos a construção dos conceitos dos diversos tipos de violência, para posterior reconhecimento destes, nas capas do *Jornal*, e representar com colagem (recortes de revistas e jornais) os conceitos discutidos durante a oficina e investigou sobre “quais os tipos de violência existente? “Quais os tipos mais comuns representados nas capas do *Jornal Amazônia*?”.

Continuando com a oficina, “Escrevendo uma nova história”, trouxe como questionamento “como resolver o problema apresentado na manchete da capa do *Jornal Amazônia*, sem precisar usar a violência?” Esta foi realizada com o intuito de destacar a importância do diálogo como solução de situações de conflito, em que o final de cada história apresenta a resolução do problema a partir do diálogo e da compreensão, etc.

As discussões geradas nas oficinas “Reescrevendo uma nova história - construindo valores para uma cultura de paz” investigaram “Qual a importância dos valores na vida humana?” Tratou o conceito de valor, suas especificidades e aprimorou o olhar do aluno para identificar os valores existentes nas capas dos jornais e nas histórias escritas por eles.

“Faces e máscaras da violência midiática contra a mulher: a questão da sexualidade” foi a sexta oficina, a qual promoveu a percepção sobre a erotização excessiva da mulher na mídia, principalmente no *Jornal*, estabelecendo um diálogo reflexivo sobre a sexualidade feminina e sua superexposição na mídia. Contou com as questões de investigação “Nudez vende?”, “A sexualidade é objeto de consumo? ”, “A exploração da sexualidade é violência contra a mulher? ”.

“Histórias e cenários: O RX do conhecimento a partir da análise das páginas iniciais do Jornal *Amazônia*” constituíram a sétima e oitava oficina. Teve como questionamento “Meu texto produzido tem ideias significativas?”, “Como representar essas ideias?”. Aqui os participantes criaram seus personagens e cenários a partir do texto produzido nas oficinas anteriores, desenvolvendo habilidades criativas com relação ao texto produzido, dando coerência em cada história (texto).

Estas oficinas favoreceram a integração entre ensino, pesquisa e extensão, visando o desenvolvimento do conhecimento de forma lúdica, favorecendo assim, a aprendizagem.

O que foi encontrado na ação: compreensão e relação com as abordagens teóricas

A partir das observações feitas pelos mediadores durante as oficinas, com ênfase nas falas e comportamentos atitudinais dos participantes, constatamos que as atividades desenvolvidas favoreceram o diálogo entre os alunos, os quais demonstraram predisposição para atitudes desafiadoras, mediante as dificuldades de relacionamento que apresentaram no início das oficinas. Foi evidente que os participantes, durante o processo de construção dos saberes, visualizaram e contemplaram boas formas de convivência, apresentando comportamento sujeito à emancipação e ao protagonismo infanto-juvenil.

Vários alunos relataram situações de violência, presenciados por eles na rua, entre vizinhos, contra ladrões, nas escolas, dentro de casa entre familiares ou contra eles mesmos. Isso nos faz perceber o alto nível de exposição dessas crianças e jovens às cenas de violência, e como isso influencia nas suas atitudes, pois diversas vezes durante a realização das oficinas houve agressões verbais e ameaças de agressão física entre alguns deles.

Observamos ainda que as crianças só entendiam violência como algo físico, pois quando foi solicitado que identificassem nas capas do Jornal imagens de violência, eram apontadas principalmente as imagens relacionadas a crimes, mortes, assaltos, etc., mas, a partir da oficina sobre os tipos de violência, os alunos perceberam sua diversidade e, a partir disto, desenvolveram o olhar crítico quanto à exposição da figura feminina seminua nas capas do jornal em estudo. O foco foi situar a forma de violência cada vez mais presente no cotidiano do jornal, conduzindo constantemente as belas jovens à exposição do corpo como o “belo”, porém com finalidades lucrativas.

Com relação à ideia sobre mídia, o Quadro 1 mostra as opiniões das crianças informando alguns veículos de propagação da informação e comunicação, que são do conhecimento delas, e contribuem para que a mídia cada vez mais avance na relação com a sociedade, articulando-se com a educação, cidadania, política, religião entre outros.

Quadro 1: Opiniões sobre mídia.

OPINIÕES	Nº	%
Televisão	11	42,3
Rádio	04	15,4
Computador (Internet)	02	7,7
Celular	07	26,9
Jornal	02	7,7

Fonte: atividade de oficina do projeto

O maior índice de opinião, com 42,3% mostra a televisão como instrumento bastante familiar, como órgão de veiculação da mídia, alcançando milhões de telespectadores por meio de imagens, palavras, sons, cores e movimentos.

Nas rodas de conversas, foi discutido sobre as percepções dos alunos dando destaque à violência, resultando o Quadro 2.

Quadro 2: Opiniões sobre violência.

OPINIÕES	Nº	%
Abuso sexual	01	3,8
Briga	21	80,8
Sequestro	01	3,8
Assassinato	02	7,7
Suicídio	01	3,8

Fonte: atividade de oficina do projeto

A prevalência do fator briga, com 80,8% vem confirmar achados de ABRAMOVAY (2002), que destaca esta situação como uma das modalidades mais frequentes nas escolas, agravando-se até chegar às agressões físicas. Como resultado há o envolvimento da polícia, família, escola e mídia, constituindo-se em um painel de vulnerabilidade do ambiente escolar.

De acordo com os indicadores das oficinas ficou evidente que a maioria dos alunos tinha como ideia de violência somente a agressão física. Descartava, assim, qualquer empenho com outras instâncias, como a exploração do trabalho infantil, da mulher pela mídia, agressões ao meio ambiente, pedofilia, falta de investimento na educação e saúde, descaso com a questão do saneamento básico e outros.

A partir disso, assinalamos a suposição de que “as brigas encontrariam respaldo em atitude de apologia aos comportamentos agressivos, elevando-os à condição de atos a serem incentivados e aplaudidos, que representam um traço de uma cultura de violência”

(ABRAMOVAY, 2002, p. 236).

Com relação à explicitação das impressões sobre mídia e violência definidas pelos alunos no contato com as páginas iniciais do *Jornal A*, elaboramos categorias como indicadas no quadro 3.

Quadro 3: Impressões⁵ sobre mídia e violência

IMPRESSÕES	Nº	%
Sobre evidência de algum tipo de violência na capa do jornal	12	46,1
Com relação à influência no cotidiano	09	34,6
Com relação à percepção sobre as capas do Jornal A	07	26,9

Fonte: atividade de oficina do projeto

Os indicadores da categoria “houve evidência de algum tipo de violência na capa do jornal” com 46,1% possibilitaram a interpretação de que as discussões provocadas nas oficinas foram relevantes para a leitura crítica das páginas iniciais do jornal utilizado. O almejado era que os alunos ao manipularem essas páginas, não ficassem alheios às interpretações das mensagens existentes nas imagens que constituíam as manchetes. Para isso, foram apresentados os tipos de violências e posteriormente sua identificação nas capas do jornal.

Os indicadores apontados pelas crianças, que se constituíram na categoria “com relação à influência no cotidiano”, com 34,6 % das opiniões, mostraram que elas, muitas vezes, se tornam sujeitos de situações indesejáveis ao bem-estar. No cotidiano desses alunos, as adversidades sociais com as quais se deparam se constituem em relações de conflitos e contraditórias.

Na categoria “com relação à percepção sobre as capas do *Jornal Amazônia*” o percentual de 26,9% sugere a visualização das crianças no que se refere à representação da violência estampada nas capas do jornal supracitado (morte, assalto, roubo, nudez feminina, tráfico de drogas). E, das mídias em geral, as quais contribuem para que o descrédito do discurso de uma sociedade justa e igualitária, ou ainda, acreditem na inclusão de modelos sociais que ofereçam boas regras de convivências de fato. Isso está explícito nesta fala “*só nós de periferia, fumado, é que somos toda vez sorteados, vem polícia, com tudo, depois solta porque é sempre de menor, né?*” (A5).

⁵ As porcentagens foram calculadas a partir do total de impressões e não a partir do número de alunos.

Quando foi questionado sobre os tipos de violência mais comuns encontradas nas capas do Jornal trabalhado, houve necessidade em discutir sobre a violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral utilizando-se de recortes e colagens a partir das imagens existentes nas primeiras páginas dessa mídia. A ênfase desta ação teve suporte nas relações do dia a dia estampadas nas capas do jornal em questão, identificadas e selecionadas pela iniciativa dos grupos de alunos, com o intuito de traduzir o respeito e a integração para com e das pessoas.

A própria agressão verbal usada pelos participantes entre si, foi percebida por eles como violência, pois quando algum colega ridicularizava o outro através de apelidos, eles mesmos já identificavam o uso da violência e sua tipologia nesse tipo de situação, por exemplo: “*ela não lê o texto porque não sabe lê*” (A6); “*cabeça de fuá*” (A3); “*Bebet gorduchina*” (A1); “*tá maconhado*” (A5).

Oferecer esta temática para alunos das séries iniciais é uma forma de abordar uma questão polêmica presente diariamente nas famílias, escolas, ruas e na vida de forma geral. É maneira de oportunizar momentos de reflexão que irão auxiliar em sua análise crítica diante do mundo, na crença e confiança de minimizar a exploração a qual são submetidas no cotidiano, com vistas à justaposição da transformação social, tendo a educação como prática da liberdade (FREIRE, 1974). Afinal, a credibilidade e a confiança são as melhores formas de mostrar para crianças e jovens que é possível vencer os desafios e problemas que a vida apresenta (RAMOS e PAIVA, 2005).

Neste trabalho foi dado ênfase se as crianças faziam ou não uma leitura de violência frente às estampas das capas do jornal em relação à nudez feminina. A princípio, para elas a visibilidade da capa dessa mídia era apenas a de uma mulher de pouca roupa. Porém, com poucas discussões a respeito disso, muitas já emitiram sua opinião, como fala um aluno: “*é violência com a mulher na capa do jornal, porque ela tem um belo corpo e um bumbum avantajado*” (A2).

O questionamento “como resolver o problema apresentado na manchete da capa do *Jornal A*, sem precisar usar a violência? ”, teve como desafio a produção de um texto a partir das imagens observadas nas páginas iniciais do jornal pesquisado, integrando o conhecimento sobre valores humanos apresentados e discutidos no coletivo de forma a expressar o entendimento e a importância dos valores como condição para uma boa convivência.

As crianças abordaram no texto sobre a imagem da mulher, a exploração e

comercialização do corpo feminino e os valores fundamentais a construção de um caráter sólido como verdade, ação correta, amor, paz e não violência, dando-lhes um significado com o conteúdo elaborado. Isto foi um indicativo do exercício da reflexão, da tomada de decisão (mudança de atitude) que contribuem para boas maneiras de convivência. Neste sentido, resgatando Freire (1996, p. 59) “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros [...] de regras de convivência”. As crianças, autoras dos textos, construíram sua nova história terminando com um final sem violência, demonstrando alternativa de humanização.

Esta dinâmica teve como metas a valorização da elaboração, a criatividade da construção, o olhar crítico do aluno para as questões extraídas da capa do jornal, a inserção das ideias relacionadas aos valores que enriqueceram e modelaram o final de cada história e finalmente, a aprendizagem estabelecida. A construção dos textos pelas crianças constitui o que Chiappini (2000, p. 22) menciona de “herança cultural”, que dialoga com outros textos. Cada texto construído mostrou mudanças de práticas, ou seja, da compreensão de que as crianças foram motivadas para a construção dessa mudança.

Entre os indicadores constituintes da opinião dos alunos sobre valores foram ressaltados os três em maior evidência, representados no Quadro 4.

Quadro 4: conhecimento prévio dos alunos sobre valor.

CONHECIMENTO PRÉVIO	Nº	%
Dinheiro	09	34,8
Carro	07	26,9
Celular	04	15,4

Fonte: atividade de oficina do projeto

Além destas opiniões, outras de menor incidência foram observadas como casa bonita, roupa, sapato bom, computador, moto e bicicleta. Estas opiniões estão todas voltadas apenas para bens materiais com ausência total de qualquer indicação relacionada aos valores humanos.

Os valores humanos na perspectiva de Carvalho (2009, p. 8) “são fundamentos morais e espirituais da consciência humana [...]”. Estes, percebidos nas crianças, são os que elas têm aprendidos na convivência familiar, escolar e hoje em dia, pela influência da mídia.

As opiniões sobre valor, após diálogo dos alunos nas oficinas, mostraram avanços relacionados às opiniões anteriores. Assim, surgiram a partir da organização dos indicadores, as categorias relacionadas aos percentuais registrados no Quadro 5.

Quadro 5: Opiniões sobre valor após diálogo com os alunos⁶

OPINIÕES	Nº	%
Com relação à honestidade	12	46,2
Com relação à paz	09	34,6
Com relação à amabilidade	08	30,8
Com relação à ação correta	06	23,1

Fonte: atividade de oficina do projeto

Os alunos demonstraram que a vivência com valores abordados nas oficinas, possibilitou o acesso para uma convivência mais saudável. Estes dados tratam de alguns aspectos de boas regras de convivência, a partir dos relatos dos alunos, depois de terem participado da oficina sobre valores. A categoria com 46,2%, com relação à honestidade, mostrou manifestação da sinceridade, verdade, respeito e o amor, os quais deixam de ser meras opiniões e transmitem situações vivenciadas, como enfatiza o depoimento “*antes não estudava, queria dinheiro e durante a noite tirava da madrasta, aí falei a verdade: tira a roupa agora, vai pro banheiro e veio com a corda, vaf, vaf, aí, aí*” (A6).

A categoria com 34,6%, com relação à paz, apresenta como indicadores não revidar diante de situações agressivas e fazer as pazes quando brigar, conforme a transcrição da fala: “*Antes eu era mais quentura, ia mesmo era pra porrada, mas sabe né, a gente precisa ter paciência com aquelas pessoas que fazem o mal pra gente*” (A5).

Na categoria com relação à amabilidade, com indicação de 30.8 %, foi constituída a partir de situações de compreensões uns para com os outros, de acordo com o relato sobre a análise das capas do jornal trabalhado, “*estes adolescentes, da capa do jornal, se não tiverem seus pais, vão para o abrigo, vão ser tratados como bicho, e sofrem pra caramba, o governo podia ser mais bonzinho e atender todos eles com carinho*” (A5).

No que se referem à ação correta, os 23.1 %, trata do convívio diário, a sensatez entre o certo e o errado, o triste e o alegre, em busca do bem comum, como indicado no exposto “*voltando da escola vi o menino com o pneu da bike furado, ajudei e me sentir bem*” (A4).

Considerando as opiniões sobre a exploração da sexualidade feminina, após diálogo com os mediadores da oficina, foram organizadas as seguintes categorias estruturadas no Quadro 6.

⁶ As porcentagens foram calculadas a partir do total de impressões e não a partir do número de alunos

Quadro 6: Exploração da sexualidade feminina, opiniões após diálogo com os mediadores⁷.

SEXUALIDADE	Nº	%
Como objeto de consumo	11	42,3
A nudez como facilitadora de vendas	10	38,5
Violência contra a mulher	08	30,8

Fonte: atividade de oficina do projeto

A categoria sexualidade como objeto de consumo, com 42,3%, indica que as crianças apenas viam a imagem de uma linda mulher estampada nas páginas do jornal em estudo, sem visão crítica. Já a nudez como facilitadora de vendas, atingiu 38,5 % das opiniões. Mas, antes das atividades as crianças não relacionavam a linda imagem como propaganda para o consumo do jornal. Na categoria violência contra a mulher, com 30,8 %, as crianças não relacionavam o fato da presença feminina como uma exploração, e consequentemente, uma possibilidade de estar diante de um quadro retratando uma situação de violência contra a mulher.

Como caminho para amenizar esse “papel social” da mulher, Del Priore (2011, p. 26) propõe “a busca do equilíbrio entre a libertinagem e a liberdade para que a mulher possa viver a sexualidade de forma intensa, plena, saudável e ética”.

Este trabalho teve como meta substituir o negativo pelo positivo e para isso foi necessário abordar que a mulher não é só exploração no sentido da violência pelo desrespeito com a sua sexualidade. Desta forma, destacamos que a mulher vem superando muitas limitações para conquistar melhor espaço na sociedade com capacidade e habilidade, as quais aprendeu a dominar desde as atividades domésticas as atividades profissionais.

Trabalhar com crianças a partir de uma proposta pedagógica crítica visualizando a condição da mulher como recurso publicitário para garantir a venda de um produto, neste caso o jornal, foi fundamental, uma vez que ampliou possibilidades de esclarecimentos sobre sexo e sexualidade, e o respeito pelo corpo, sempre evidenciando que sexualidade é “fundamental para o bem-estar individual, interpessoal e social de cada cidadão” (DEL PRIORE, 2011, p. 31).

O tema sexualidade, pois, suscita no ambiente escolar, uma prática educativa

⁷ As porcentagens foram calculadas a partir do total de impressões e não a partir do número de alunos

delineada pela ação expressa por crenças, atitudes e valores que focaliza o educador e sua experiência, suscitando a reflexão sobre problemáticas pertinentes a essa temática. Essa reflexão envolve “histórias de vida e seus segredos; as emoções e sentimentos, expressos e experimentados por pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades práticas, papéis e relacionamentos” (LOURO, 2001, p. 11).

As discussões geradas nas oficinas “FACES e máscaras da violência midiática contra a mulher: a questão da sexualidade” proporcionaram a criação de personagens para o texto e os cenários relacionados com o assunto do dia, de forma a concluir a formatação final de cada texto.

A socialização se deu a partir da organização dos alunos em círculo, iniciando uma roda de conversa direcionada para que cada aluno construísse a sua trajetória desde a primeira oficina na tentativa de resgatar em suas falas prováveis indicadores de um pensamento reflexivo e crítico como consequência de sua participação no projeto e em que isso valeu para a sua formação, além de apontarem indicadores que possam ter favorecido mudanças de atitudes.

A culminância das ações resultou em uma exposição dos textos construídos pelas crianças como mais um dos momentos de descontração delas. Os alunos ao saberem que suas histórias seriam expostas, demonstraram bastante curiosidade e interesse, pois fizeram vários questionamentos sobre como seria o processo de produção de um bom texto. No momento da confecção dos cenários e personagens, percebemos a satisfação dos alunos nesta tarefa, pois se empenharam ao máximo para tudo ficar perfeito.

A finalidade foi promover visibilidade das ações desenvolvidas de forma a socializar, discutir e refletir sobre possibilidades para a cidadania das crianças participantes. Tivemos como elementos expositores: banner do projeto; exposição de fotos – contar por meio de fotografias o memorial das ações vivenciadas nas oficinas do projeto; as máscaras desenhadas pelos alunos que representaram a satisfação ou não com as discussões sobre determinados tipos de valores; os textos produzidos pelos alunos, os personagens e paisagens extraídos dos textos.

A atividade de exposição tem na concepção de Koseritz (1980), uma característica que dá a “identidade de uma escola, uma vez que põe à mostra esta identidade, que ao expor-se ao público, abre-se ao diálogo (narrando, olhando e educando), e permite a função de comunicação tanto com o público quanto com a crítica”. Com esta dinâmica, ainda na

linha de Koseritz, a exposição pedagógica tomada como elemento norteador para o argumento do que se pretende desenvolver, permitiu extrair do olhar das crianças um educar, promovendo a função do comunicar entre si e com os outros.

E, com a roda de conversa entre os alunos e mediadoras, as crianças avaliaram como positiva as atividades do projeto, pois além de contribuírem para a aprendizagem de conteúdos específicos, possibilitaram uma (re)significação de valores.

Algumas ideias conclusivas

O fazer dos participantes do projeto foi articulado simultaneamente em duas questões motivadoras as quais definiram as discussões em cada oficina. A primeira corresponde em como tratar de assuntos tão sérios como a violência e seus tipos de forma simples e fácil para o entendimento da criança, mantendo seu interesse e despertando sua criatividade? Para isso, buscamos discutir caminhos para amenizar situações de violência vividas pelos alunos por meio do autoconhecimento, valorizando a informação dada por elas.

Isso despertou um olhar crítico dos participantes sobre a página inicial do *Jornal Amazônia*, além do direcionamento de condutas voltadas para o compromisso da transformação pessoal e social. Outro ponto imprescindível foi considerar o fazer dos alunos a partir da autonomia deles, sendo considerada a curiosidade como pré-requisito disso e a determinação na condução dos trabalhos realizados.

Com relação à segunda questão, como constatar que as ações previstas e realizadas ao final do projeto serão positivas para a aprendizagem dos envolvidos? Neste caso, tivemos observações significativas como mudança de comportamento, demonstração de curiosidade diante de situações desconhecidas que lhes proporcionaram inquietações. Isso ocorreu mediante atitudes nas relações interpessoais em que o respeito e a colaboração passaram a ser mais evidentes em sala durante a realização do projeto.

Temos ainda os relatos das crianças no que se refere a sua visão sobre as imagens estampadas na página do Jornal estudado, somados à reflexão sobre a importância do projeto. Elas próprias comentaram, em roda de conversa sobre o nível de comparação entre elas e as outras crianças da escola que não se integraram no projeto, como forma de lamento, pela não participação dos colegas que perderam momentos de construção de valores relevantes para uma vida disciplinada. O diálogo e a linguagem expressos na relação com o

outro e nos textos produzidos, comparados com as atividades iniciais do projeto, foram também considerados como indicadores de aprendizagem.

É certo que esta vivência foi de grande importância para mediadores e participantes do trabalho em questão, uma vez que favoreceu a discussão e a problematização de uma temática tão importante como violência. A construção dos textos manteve o interesse e a atenção das crianças nas atividades das oficinas, pois perceberam que o sucesso dessa produção dependia do processo de observação inicial e da interpretação das imagens, da criatividade para dar sentido ao conteúdo do texto, culminando com a produção conclusiva desta atividade.

Por isso, durante todas as oficinas, os alunos empenharam-se em aprender e apreender o máximo de conhecimento possível, objetivando uma realização eficaz das atividades e um resultado (textos) interessante e gratificante ao seu empenho. O projeto foi funcional na medida em que tratou da questão de poder contribuir com a superação de lacunas na formação das crianças, de modo a proporcionar a autoestima, a convivência pacífica e credibilidade no que faz.

Assim, com este projeto, percebemos que a produção de textos e o imaginário podem ser um recurso incentivador do processo de ensino aprendizagem, basta que o professor/mediador saiba como utilizar esse recurso de forma contextualizada e lúdica, tenha vontade de renovar suas aulas para buscar sempre melhores resultados, além de incentivar a vontade dos alunos de aprender,

Nesse sentido, é, a produção textual, uma opção positiva para o ensino e aprendizado, em relação a todos os tipos de conteúdos, principalmente os temas transversais, como neste caso, a questão da violência. Neste trabalho foi desenvolvido o ensino e a aprendizagem; a articulação universidade e escola; a relação construída entre professor (mediadores) e as crianças (alunos); e ainda, o despertar para o processo de valorização da vida e revisão de conceitos e atitudes cotidianas responsáveis pelo bem fazer e bem viver.

Por toda a experiência vivida nas atividades do projeto “Nudez”, entendemos que os valores humanos necessitam ser inseridos nas ações educativas desde o ensino infantil, pois, estudos indicam que nesta fase, a personalidade do ser humano se estrutura. De tal modo, teremos jovens com autonomia e emancipação a partir de conhecimentos discutidos nessa fase da vida e assim, a educação se dá pelo autoconhecimento com vista ampliar a vivência

de mundo.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, M. et. al. **Violências nas escolas brasileiras**. UNESCO, 2002.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed.70, 1995.

BRASIL. **Lei nº 8.069** - Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 12/07/1990.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CHIAPPINI, L. **Aprender e ensinar com textos**. São Paulo, S.P: Cortez, 2000.

CARVALHO, L. E. de. **Há maneiras de ler que são maneiras de ser**: Programa de Educação em Valores Humanos. Publicações eletrônicas, 2009.

DEVRIES, R. **A ética na educação infantil**: o ambiente Sócio moral na escola. Trad. Dayse Batista - Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

DEL PRIORE, M. **Histórias Íntimas**: Sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

FONSECA, M. J. C. F. Construindo uma Agenda de Pesquisa em Educação Científica, Ambiental e Saúde: a experiência do Necaps. **Revista Cocar**, vol. 2, p. 25-32, 2008.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Plano, 2003.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1974.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOSERITZ, C. V. **Imagens do Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.

LOURO, G. L. Gênero e Sexualidade: As múltiplas “verdades” da contemporaneidade. **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano**: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2001.

MARTINELLI, M. **Aulas de transformação**: o programa de educação em valores humanos. São Paulo: Petrópolis, 1999.

MIRANDA, S. **Oficina de Dinâmicas de Grupos**. Campinas, SP: Papirus, 2007.

MONTEIRO, W. B. **Curso de Direito Civil**. 39. ed. São Paulo: Saraiva, 2003. v. 1.

PEREIRA, C. M. S. **Instituições de Direito Civil**. 20. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

RAMOS, S.; PAIVA, A. Mídia e violência: Como os jornais retratam a violência e a segurança pública no Brasil. **Relatório de pesquisa e anexos**. Rio de Janeiro: CESeC, maio de 2005. Disponível em:
<http://www.ucamcesec.com.br/at_proj_conc_texto.php?cod_proj=215>. Acesso em: 24 março 2015.

SANTOS, J. V. T. dos. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 1, 2001.

TAMAYO, A. & Schwartz, S. H. **Estrutura motivacional dos valores humanos**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. São Paulo: 1993.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

TONDATO, M. P. Violência na mídia ou violência na sociedade? A leitura da violência na mídia. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, 2007.